

Educação a distância e visualidades: experiências de mediação e criação de artefatos didáticos tecnológicos audiovisuais

Nicolas Andres Gualtieri¹

Resumo

São apresentados alguns dos resultados gerados durante o percurso de mestrado no PPGACV/UFG. O projeto visou analisar a relação entre as experiências cotidianas dos alunos que participaram do curso de especialização África em Arte-Educação: Construção de Objetos Pedagógicos (modalidade a distância) e os artefatos didáticos audiovisuais, produzidos pelo Centro Integrado de Aprendizagem em Rede, da Universidade Federal de Goiás. Foram recolhidos os relatos e as experiências de cinco alunos que participaram do curso, a fim de fazer uma avaliação e receber sugestões que permitam melhorar os processos de mediação entre aluno-professor e, especialmente, a produção de materiais didáticos audiovisuais para os cursos de modalidade a distância, no contexto da Universidade Federal de Goiás.

Palavras-chave

Educação a distância - Artefatos didáticos - Experiências - Visualidades

Distance education and visualities: mediation experiments and the creation of audiovisual technological didactic artifacts

Abstract

The following paper aims the relationship between students, their daily experiences at África em

Arte-Educação: Construção de Objetos Pedagógicos, a distance learning graduate course and audiovisual didactic artifacts, made by the CIAR-UFG (Centro Integrado de Aprendizagem em Rede). Five student stories were collected from this course, in order to get a critical evaluation and collecting feedbacks that will help improve the student-professor relationship, and especially the creation of audiovisual didactic content for distance learning courses at Universidade Federal de Goiás.

Keywords

Distance learning - Didactic artifacts - Experiences - Visuals

Introdução

Algumas histórias começam como resultado de lembranças emotivas que são muito significativas para nós. Da mesma maneira, algumas pesquisas surgem a partir das experiências pessoais em diversos campos do conhecimento que nos marcam, inquietam e falam a respeito de nós porque "nossas formas são o conteúdo da nossa existência, assim como os discursos e realizações simbólicas que preferimos e promovemos cotidianamente dão a forma a nossas imagens" (VICTORIO FILHO; CORREIA, 2013, p. 50).

Minha experiência no desenvolvimento de material didático no Centro Integrado de Aprendizagem

em Rede da Universidade Federal de Goiás (CIAR/ UFG) há mais de três anos, me leva a identificar o que considero um dos principais problemas da Educação a Distância (EaD) no contexto da Universidade Federal de Goiás (UFG): a ausência de uma abordagem institucional, sistemática, que considere a participação, crítica e sugestões dos alunos sobre a qualidade e utilidade dos materiais didáticos. Essa ausência preocupa a todos os atores envolvidos nesse processo educacional, visto que torna visível a falta de tempo para ouvir os comentários dos alunos.

Trabalhamos e produzimos imagens e materiais didáticos sem ter noção de quem está assistindo do outro lado da tela, ou, sem saber como esses espectadores estão reagindo, e o quê e como estão aprendendo ao utilizar os referidos materiais. Através de objetos interativos e visualmente atraentes, tentamos criar novas experiências para os alunos, mas sem necessariamente conhecer e, conseqüentemente, relacioná-los às experiências do cotidiano, do dia a dia. Nesse contexto, esta pesquisa de mestrado propôs coletar e discutir as observações dos alunos que participaram do curso a distância *África em Arte-Educação: Construção de Objetos Pedagógicos* (ofertado pela UFG no ano de 2014/2016) e gerar um diálogo entre as experiências cotidianas que eles vivenciam, os processos de mediação utilizados pelos professores e os materiais didáticos audiovisuais desenvolvidos para o curso. Foram entrevistados 5 alunos, que ao mesmo tempo são professores da rede estadual de ensino do estado de Goiás.

Eles realizaram considerações e comentários a respeito da utilização dos materiais durante o decorrer do curso e posteriormente na utilização dos mesmos nas salas de aula das escolas públicas.



Figura 1. Apresentação do curso.



Figura 2. Materiais produzidos para o curso.



Figura 3. Ebooks interativos



Figura 4. Mapas animados para estudar história da África analisados ao longo da pesquisa

A principal preocupação desta pesquisa foi contribuir de maneira mais efetiva para a construção de melhores experiências didáticas e pedagógicas de professores, tutores e alunos que participam da EaD na UFG. São apresentadas na sequência algumas das considerações mais relevantes como resultado da pesquisa de mestrado.

Desenvolvimento

Um dos primeiros pontos que gostaria de destacar é a utilização da internet como veículo de informação e como ferramenta de conhecimento. Posso estar falando de um recurso do espaço digital que oferece muitas possibilidades, mas, o que dizer sobre o acesso à conectividade? Pecamos ao acreditar em igualdade de condições sociais, educacionais, talvez idílicas, quando a verdade é que desconhecemos o contexto no qual as pessoas atuam, trabalham cotidianamente.

Vários dos entrevistados observaram que não conseguiram acessar os materiais do curso pela falta de conectividade, condição que comprometeu o acesso dos estudantes ao conteúdo e, posteriormente, a utilização desses recursos em sala de aula. A principal característica dos materiais online é a de ser acessados em qualquer momento e local, facilitados pelos dispositivos da internet. A escola onde

foram realizadas as entrevistas não dispunha desse acesso e, neste sentido, vale dizer que esta pesquisa ficou parcialmente comprometida em termos de duas perspectivas. A primeira, diz respeito ao fato de que os professores não puderam utilizar as animações em sala de aula. Esta condição impediu que alguns tópicos das entrevistas fossem explorados, embora tenham surgido outros elementos importantes em relação a outros artefatos cujas observações farei mais adiante. A segunda, decorrente da primeira, foi que meu dispositivo para visualizar os mapas também não funcionou devido à ausência de conectividade, situação que me levou a sus-pender a visualização e discussão dos mapas durante as entrevistas. De certa forma, entrevistados e pesquisador ficamos em igualdade de condições, pois não faria sentido, além de gerar uma situação estranha, tentar ouvi-los falar sobre um recurso que não conseguiram acessar e, conseqüentemente, experimentar. Por esta razão considerei adequado continuar as entrevistas sem abordar a visualização dos mapas.



Figura 5. Visualidades da escola Professor Oscarino Caetano de Rezende de Nerópolis

Diante disso, fica evidente que ao projetar materiais para EaD devemos levantar informações dos contextos onde serão utilizados. Reconheço que essa é uma tarefa difícil, complexa, mas a partir da experiência vivida no trabalho de campo, considero que é necessária. Anteriormente esse tipo de material era disponibilizado na modalidade off-line, através de CD ou DVD. Mas nem sempre os CDs eram entregues nos locais onde o curso seria ministrado e, com frequência, ficavam parados, guardados na coordenação do curso. Também vale ressaltar que o sistema de CD e DVD tornou-se obsoleto.

Hoje, muitos computadores não trazem mais leitor para esses dispositivos. Por esta razão, a equipe que planeja e prepara os materiais passou a descartar a opção de gravar e entregar a informação nos discos. Como disse logo no início desta pesquisa, "são muitos os fantasmas que assolam os estudos EaD". Creio que algumas questões deveriam ser respondidas pelos coordenadores de curso, pelos professores ou pela própria equipe de produção: os locais onde os materiais serão disponibilizados contam com dispositivos com conexão a internet? Quantos alunos têm conexão a internet em suas casas? O polo de acesso da cidade possui conexão? O material será utilizado em outros contextos de aprendizagem? Quais? Somente após responder essas questões se deveria pensar o suporte ou a maneira de viabilizar o material.

Outro elemento constante nas entrevistas foi a necessidade de não deixar tudo armazenado no espaço digital: vídeos, fotos, textos, conteúdos em geral. O curso acontece de maneira digital por meio de fóruns de discussão ou plataformas interativas.

Minha percepção é que os alunos sentem carência de materiais palpáveis, que possam ser manuseados e com os quais desenvolvam algum tipo de relação afetiva, ou seja, que além do sentido da visão também envolvam o tato. Mais uma vez, os fan-

tasmas se fazem presentes, pois os recursos que os cursos recebem para produzir material didático, pagamento de tutores, professores e outras despesas, quase sempre são insuficientes. Além disso, transportar esse material também implica em custos e muitas vezes o material não chega a tempo para atender a disciplina ou, por vários outros motivos, simplesmente não chega. Nesse sentido, considero importante, sempre que possível, produzir materiais digitais e impressos que possam ser entregues, por exemplo, durante os encontros presenciais. Nas entrevistas, quase todos os sujeitos lembraram sem esforço os artefatos imagéticos físicos, palpáveis, como as bonecas e os mapas montáveis, e pouco mencionaram ou se referiram às narrativas audiovisuais. Esses exemplos deixam em evidência, dentre outras coisas, a importância de planejar materiais didáticos que possibilitem aos alunos o estabelecimento de uma relação como objeto físico, com o qual possam criar um vínculo afetivo.

As bonecas Abayomi são um bom exemplo de um recurso didático que contribuiu para desconstruir preconceitos de gênero e etnia com as crianças. Os meninos e meninas construíram as bonecas criando com elas vínculos lúdicos e afetivos. Creio que é importante ressaltar que algumas das professoras entrevistadas ministram aulas a crianças na faixa etária de 6 a 8 anos e tiveram resultados que consideraram muito positivos. Pensando nos processos de produção de material didático, tenho me perguntado se seria mais interessante para os alunos participarem de atividades utilizando somente objetos físicos, digitais, ou misturando, combinando os dois tipos.

Outra questão que penso que seja importante considerar tem relação estreita com os problemas na plataforma de ensino - Moodle, ou outras plataformas. Vários alunos destacaram que tiveram dificuldade para compreender o funcionamento da plataforma e, em muitos casos, as ferramentas ou

acessos não pareciam intuitivos, naturais. Esse tipo de reclamação foi feita principalmente por pessoas adultas ou mais velhas que ainda veem a tecnologia como um desafio.

Na versão extensa do projeto, foi percorrido sobre como as produções audiovisuais tornam-se mediadoras na sala de aula. Uma das entrevistadas comentou sobre sua experiência de apresentar um filme antes de desenvolver a parte prática e como essa estratégia foi útil ajudando-a a contextualizar e delimitar algumas questões geopolíticas e culturais. Em sintonia com a observação da entrevistada, creio que o mesmo poderia ser feito em relação aos mapas animados como produções audiovisuais que apresentam conteúdos específicos. Essa estratégia poderia ter contribuído para contextualizar as leituras e bibliografias utilizadas pelos alunos do curso de especialização.

Os materiais didáticos produzidos para o curso de especialização não foram planejados nem projetados pensando em acessibilidade, possivelmente porque a equipe de produção não tinha informação sobre se algum aluno com necessidades especiais ou dificuldades físicas havia solicitado matrícula no curso. Mas considero importante que se comece a pensar nos materiais didáticos, seja para o contexto presencial, seja a distância, a partir dessa perspectiva. Materiais mais acessíveis permitem igualdade de condições de ensino. Hoje é possível e cada vez mais necessário conceber e produzir artefatos imagéticos com pequenas mudanças como, por exemplo, a inclusão de legendas, interpretação em Libras, sistema de leitura de tela, utilização cromática no caso de pessoas daltônicas, ou ferramentas que permitam mudar o tamanho das fontes facilitando a leitura para pessoas com problemas ou déficit de visão. Esse tipo de iniciativa pode contribuir de maneira significativa para abrir o leque de possibilidades e o acesso para pessoas que não tenham sido con-

templadas e que merecem a oportunidade de serem inseridas nesse processo. Atualmente o CIAR/UFG aferra-se com força a esse compromisso de buscar, gerar artefatos imagéticos mais acessíveis no contexto de ensino aprendizagem na UFG.

O relato de um aluno chamado Jackson, sujeito colaborador que sofreu vários tipos de preconceito ao mesmo tempo em que no cotidiano enfrentava condições econômicas adversas ao seu desenvolvimento pessoal e acadêmico, reforça argumento de que o EaD, como estrutura de ensino, tem a responsabilidade de contribuir para romper essas barreiras econômicas, sociais, acadêmicas e políticas. É necessário criar igualdade de condições e possibilidades de educação para aquelas pessoas que, por um motivo ou outro, não conseguem participar de uma educação presencial.

Um problema que emergiu a partir das entrevistas, é que os alunos desconhecem ou ignoram a função dos polos de aprendizagem. Não apenas pela falta de polos em algumas cidades, mas principalmente, pelos problemas estruturais existentes em quase todos eles como, por exemplo, a ausência de internet, computadores, horários de atendimento e assim por diante. É imprescindível orientar os alunos sobre a importância e a função dos polos em cada cidade realizando encontros esporádicos, oficinas, salas de estudo e outras atividades.

O trabalho de campo, com as entrevistas como principal fonte de obtenção de dados, reforçou a necessidade de discutir a responsabilidade das escolas ao incentivar os professores/pesquisadores a estudarem, se qualificarem para trazer novas ferramentas ou possibilidades de ensino para a escola. De um lado, temos o exemplo da escola de Nerópolis que, de maneira quase impositiva, orientou os professores a realizar o curso, embora os professores de história tenham se negado a fazê-lo. Por outro lado, vale destacar o caso contrastante da escola

onde Jackson trabalhava ao não permitir que ele utilizasse em sala de aula os conteúdos e recursos que estava aprendendo no curso de especialização. Nesse sentido, nos vemos diante de duas situações diferentes e conflitantes que colocam a escola em polos opostos: de um lado, uma posição institucional de motivação e incentivo aos docentes; de outro, uma atitude de rigidez e intransigência.

Ao longo desta pesquisa destaquei a importância do trabalho interdisciplinar e colaborativo. O design, como ferramenta geralmente considerada para desenvolver e trabalhar somente questões referentes à publicidade e consumo cognitivo, se revaloriza, ressignifica e adquire valor social. Tornou-se evidente o modo como diferentes áreas do conhecimento podem ser vinculadas e dialogar - design, cultura visual, cinema, pedagogia, ensino, história, geografia, antropologia etc. -, possibilitando um trabalho colaborativo ativo, eficiente e potente. Essa experiência, além de ser gratificante, me estimula a dar continuidade a esta investigação, a refletir sobre possíveis desdobramentos para esta pesquisa, mas, sobretudo, a necessidade de apoio didático e pedagógico aos professores que desejam ir além do ensino presencial ao trabalhar com o ensino a distância. Percebo, também, em relação aos cursos desenvolvidos para EaD, uma urgência para avançar na forma de pensar, conceber e projetar materiais didáticos em um espaço tecnológico cheio de possibilidades.

Considerações finais

Confesso que aquele medo inicial e a sensação de insegurança que me invadiram ao realizar as entrevistas, aos poucos foram se transformando em desafios de aprender a pesquisar. A experiência, mesmo que tímida, de etnografar, narrar e observar,

me ajudou a vislumbrar e buscar compreender a riqueza e diversidade da ação humana de educar.

Esta pesquisa deixa portas abertas para o futuro ao me fazer pensar em outras maneiras de criar ferramentas, recursos e alternativas para amenizar os problemas que o EaD enfrenta no contexto da UFG e, também, para ampliar o seu alcance. Deixa portas abertas ao me desafiar a trabalhar questões que permitam afastar preconceitos e resistências a educação a distância, modalidade que, por vezes, parece estar "suspensa numa bolha", dependente de outros modelos, métodos ou sistemas de ensino.

Acaba sendo contraditório trabalhar com tecnologia e comunicação, mas nos isolamos ao não considerar alternativas que estão ao alcance de um email, de uma web conferência, de um vínculo institucional. São vários os desdobramentos e aprofundamentos que esta pesquisa deixa para o futuro. Os fantasmas continuam por aí, prontos para nos enfrentar e deflagrar novamente um processo de pesquisa. Como disse a professora Maria Cristina durante a entrevista, nossas lutas e logros nos deixam saudades, e quem mora longe da família e dos amigos sabe que não existe coisa melhor que matar as saudades.

Referências básicas

- AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual, política da estética e educação emancipadora. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. p.51-68.
- AGUIRRE, I. Imaginando um futuro para a educação artística. In: TOURINHO, I.;

- MARTINS, R. Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria, RS: UFSM, 2009, p. 157-188.
- LVES, Lynn; NOVA, Cristiane. Educação a distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.
- ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, Ago. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782003000200005&lng=en&nrm=iso). php?script=sci_arttext&pid=S141324782003000200005&lng=en&nrm=iso>
- BARROS J.; BEZERRA, P. Mediação da cultura visual no cenário contemporâneo. Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.
- CIAR NOTÍCIAS. Dicas úteis de como apresentar seus professores ou sobre os perigos da beleza audiovisual para o trabalho docente. CIAR Notícias. N° 3 - 2° semestre de 2015. Goiânia. Consultada por última vez no dia 15 de março de 2017. Disponível em <https://www.ciarnoticias.ciar.ufg.br/3edicao/noticia4.html>
- COMOLLI, Jean-Louis. Retrospectiva do espectador. In: Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 135-142.
- COMOLLI, Jean-Louis. Aqueles que se perdem. In: Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 269-282.
- DEWEY, J. El arte como experiência. México: F.C.E, 1934.
- ELIAS, A. O processo de implementação do Curso de Licenciatura em Física a distância pela Universidade Aberta do Brasil na Universidade Federal de Goiás no polo de apoio presencial em Goianésia - GO na visão de seus gestores. Dissertação de mestrado - Goiânia, UFG, 2011.
- FARIA, Juliana Guimarães. Gestão e Organização da Educação a Distância em Universidade Pública: estudo sobre a Universidade Federal de Goiás. Tese (Doutorado) – Goiânia, UFG, 2011.
- FERREIRA, N. O papel da experiência na filosofia de John Dewey, Vol. 4, nº 2, 2011.
- FREITAS, Victoria. Educação a distância no Brasil deve dobrar em cinco anos. Ucamprominas Notícias, 10 de julho de 2015. <http://www.ucamprominas.com.br/noticias/-educacao-a-distancia-no-brasil-deve-dobrar-em-cinco-anos> Acesso em 14 de agosto de 2015.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 13- 41.
- HAMMERSLEY, M. Y P. ATKINSON. Etnografia. Métodos de Investigación. Barcelona: Paidós, 1994
- MAIA, C.; MATTAR, João. ABC da EaD: a educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MARTINS, Raimundo. Das belas artes à cultura visual.
In: MARTINS, Raimundo (Org.). Visualidade e
Educação. Goiânia: FUNAPE, 2008, p. 25- 35.

MILLER D.; HORST, A. H. O Digital e o Humano:
prospecto para uma Antropologia Digital.
Revista Parágrafo. v. 3, n. 2, 2015, p. 91- 111.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria
de Educação a Distância. Referenciais de
qualidade para educação a distância. Brasília:
MEC, 2007.

MIRANDA, Fernando. Pós-Produção educativa:
a possibilidade das imagens. In: MARTINS,
Raimundo; TOURINHO Irene (Orgs.) Culturas
das imagens. Desafios para a arte e para a
educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2012.
p. 75-96

MARTINS, J .B. Observação participante: uma
abordagem metodológica para a psicologia
escolar. Semina: Ci. Sociais/Humanas, Londrina,
v. 17, n. 3, p. 266- 273, set. 1996.

Notas

1 Nicolás Andrés Gualtieri – Argentino com
Bacharel em Design Gráfico e Comunicação
Visual pela FADU/UNL (Argentina), Especialista
em História e Narrativas Audiovisuais pela FH-
UFG, Mestre em Arte e Cultura Visual pela FAV-
UFG e Doutorado em Arte e Cultura Visual
pela FAV-UFG. Atualmente professor do Curso
de Design Gráfico da FAV/UFG e diretor do
escritório de design e comunicação Studio
Cacto.

2 E-mail: nicoagualtieri@gmail.com